



Veredas atemática

Volume 20 nº 2 – 2016

Efeitos de polidez na variação na primeira pessoa do plural

Raquel Meister Ko. Freitag (UFS)¹
Kelly Carine dos Santos (UFS)²

Resumo: Analisamos a variação de *nós* e *a gente* na posição de sujeito, a fim de observar os efeitos pragmáticos relacionados à expressão da polidez, segundo Brown e Levinson (2011 [1987]). Foram constituídas duas amostras na comunidade de fala de universitários Itabaiana/SE: uma com a metodologia de entrevista sociolinguística e outra com a metodologia de interação conduzida. Os dados foram coletados e submetidos a tratamento quantitativo de orientação variacionista. O controle dos fatores relacionados à polidez – distância social, poder relativo e o grau de imposição – e também do fator sexo/gênero permitiu identificar tendências de uso das formas *a gente* e *nós* que indicam especificidades pragmáticas, especialmente para os homens.

Palavras-chave: nós/a gente; polidez; variação.

Introdução

A variação na primeira pessoa do plural, com as formas *nós/a gente*, tem recebido a atenção de estudos de cunho sociolinguístico no Brasil (cf. LOPES, 1998; ZILLES, 2000; SEARA, 2000; TAMANINE, 2002; BORGES, 2004; SILVA, 2010; FRANCESCHINI, 2011; SANTOS, 2014; MENDONÇA, 2016, MENDONÇA; FREITAG, 2016, entre outros), que,

¹ Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, com o projeto “Gênero, polidez e variação linguística” (Processo 303955/2014-7 Produtividade em Pesquisa - PQ/CNPq - 2014).

² Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe.

apoiados na teoria da variação e mudança (LABOV, 2008 [1972]), investigam os fatores sociais e linguísticos que condicionam a variação.

(1)

F1: matou dois capão... um morreu só né... aí **a gente** pegou e \emptyset comeu...

F2: ah doído eu não comia não... você quer me dar a galinha já velha morta doente...

((RISOS)) Deus me livre... sai daí... vá com suas carniças pra lá

F1: tá vendo... aí... elas já não vão mais... ((RISOS))

F2: é mesmo... depois de uma dessa... depois bota um bode velho doente pra **nós** comer... \emptyset

não chega nem na esquina... \emptyset cai teso... (D.S._{cdt} D.M._{sdt} P M_M 01)³

No excerto (1), as formas pronominais de referência à primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* se alternam, embora com diferentes matizes semânticos quanto aos referentes. Na fala de F1 *a gente* se refere a *ele* + *eles*, ou seja, o falante e os seus familiares, que, juntos, comeram dois capões, enquanto na fala de F2 *nós* tem referência menos genérica, restringindo-se apenas aos que estavam presentes no momento da gravação da interação.

A relação entre referência e *nós/a gente* vem sendo explorada, especialmente a partir do trabalho de Lopes (1998). A fim de contribuir com esta questão, discutimos a possibilidade de as formas *nós* e *a gente*, em variação na expressão da primeira pessoa do plural em posição de sujeito, funcionarem como marcas de polidez linguística. A evidência mais forte para dar suporte à hipótese provém da própria tradição normativa, que associa a primeira pessoa do plural ao plural majestático, ou plural de modéstia, quando o uso da forma de primeira pessoa do plural (particularmente *nós*) não se refere especificamente ao falante em questão, o que refletiria distanciamento em contextos de maior polidez, uma estratégia linguística utilizada com o objetivo de preservar a face do falante e a face do ouvinte, no intuito de estabelecer uma comunicação sem atritos.

Ampliamos a discussão para incluir o controle de fatores de ordem pragmática em uma abordagem variacionista do fenômeno, a fim de averiguar a hipótese da polidez. Para isso, recorreremos ao aporte teórico metodológico do modelo de polidez proposto por Brown e Levinson (2011[1987]).

1. Estratégias de polidez

A polidez pode ser entendida como um conjunto de regras de cortesia e atitude gentil que é utilizado em uma sociedade, podendo variar dependendo da cultura. Na década de 1970, seu significado ultrapassa o senso comum e passa também a designar um termo técnico utilizado nos estudos pragmáticos e sociolinguísticos. Nessa perspectiva, o Princípio de Cooperação de Paul Grice (1982 [1975]) traça quatro máximas para que os falantes tenham uma comunicação eficaz, gentil e sem atritos: a de *quantidade*, a de *qualidade*, a de *relevância*, e a de *modo*.

³ Exemplos retirado da interação 1 do banco de dados *Rede Social de Informantes Universitários* (ARAUJO; SANTOS; FREITAG, 2014). O código entre parênteses representa as identificações sociais dos informantes.

O Princípio de Cooperação foi a mola propulsora para que, no campo da pragmática, os estudos sobre polidez fossem desenvolvidos, uma vez que decorrem da desobediência das máximas. Nos últimos 40 anos, vários modelos teóricos de polidez foram propostos. Três deles constituem os mais tradicionais: os de Robin Lakoff (1973), Geoffrey Leech (1983) e Penelope Brown e Stephen Levinson (2011 [1987]).

Embora não seja isento de críticas (ver Watts (2003), por exemplo), o modelo de Brown e Levinson (B&L) é, sem dúvida, o mais elaborado, conhecido e utilizado nos estudos sobre polidez, realizados em diversos países, e o mais alinhado, segundo Meyerhoff (2006), aos propósitos de controle e operacionalização da interface com a pesquisa sociolinguística de orientação variacionista, motivo pelo qual o adotamos neste trabalho.

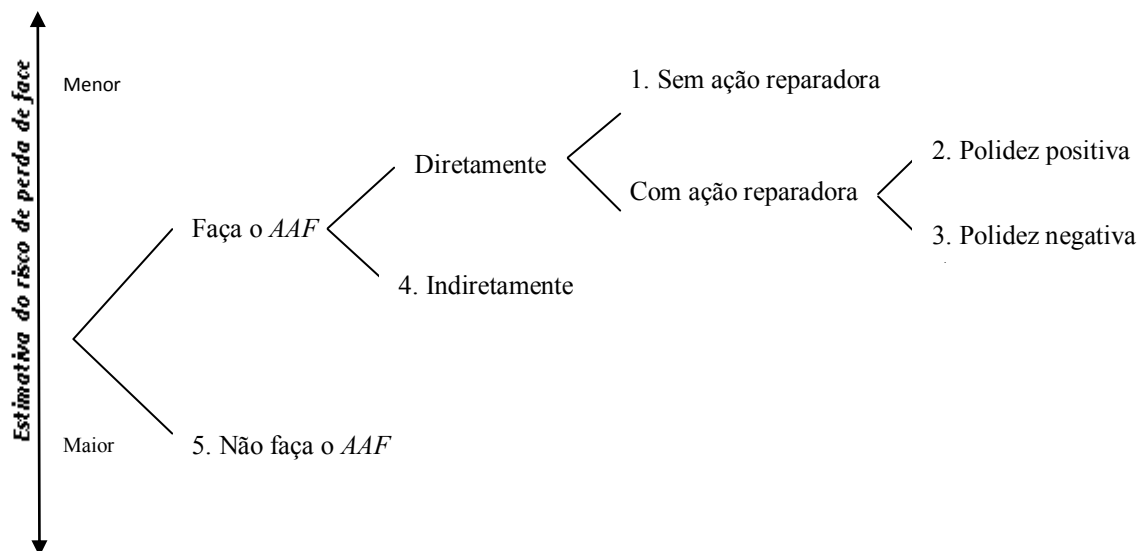
B&L consideram a polidez como uma atividade estratégica racional e que as diferentes formas de polidez atendem às diferentes necessidades sociocomunicativas. Mesmo admitindo que o que é “polido” varia de cultura para cultura, uma vez que em uma cultura um termo pode ser polido, e em outra ele pode ser visto como uma ofensa, os autores partem da universalidade da polidez, por acreditarem que independente da cultura, os interlocutores sabem que têm uma imagem a preservar nas interações. B&L inspiram-se na noção metafórica de face da teoria de Goffman (1967) e se baseiam em uma pessoa-modelo, que fala fluentemente uma língua natural e possui duas propriedades importantes, racionalidade e face, para esclarecer o uso da linguagem. A face é entendida como atributo pessoal ou qualidade que cada um tenta proteger ou melhorar, é a autoimagem que cada um constrói socialmente de si, podendo ela ser perdida, mantida ou melhorada, em função da linha de conduta adotada no decorrer de uma interação.

B&L distinguem dois tipos de polidez, a que envolve estratégias de face positiva, que se relaciona à imagem que queremos passar socialmente, a que queremos apresentar aos outros, com o intuito de ter o reconhecimento ou aprovação, e a que envolve estratégias de face negativa, que está relacionada à nossa intimidade e ao desejo de não imposição, conceito central desse modelo. Dessa forma, as faces, positivas e negativas, são alvos de ameaças e objetos de desejo de preservação, nas interações, pois terão de ser preservadas, a fim de manter o equilíbrio nas relações interpessoais.

Danos às faces podem ser causados por atos que ameaçam as faces, tanto do falante, quanto do ouvinte, como também de ambos, simultaneamente, conforme B&L, no momento das interações, denominados por B&L como Atos de Ameaça à Face (AAF). Estes atos de ameaça à face são divididos em quatro tipos:

- Atos ameaçadores da face negativa do locutor: promessas ou qualquer coisa que possa atingir nossa privacidade;
- Atos ameaçadores da face positiva do locutor: pedidos de desculpas, autocríticas, confissões;
- Atos ameaçadores da face negativa do interlocutor: ofensas, pedidos, perguntas indiscretas;
- Atos ameaçadores da face positiva do interlocutor: críticas, insultos, censuras.

Para preservar a face e manter a relação sem atritos, o falante faz uso de um conjunto de estratégias linguísticas, que chamamos de estratégias de polidez, utilizadas a depender das circunstâncias de execução de um AAF, como esquematizado no quadro 1.



Quadro 1: Circunstâncias que determinam as escolhas das estratégias. (BROWN; LEVINSON, 2011 [1987], p. 60, tradução nossa).⁴

B&L propõem que o falante escolhe se vai realizar ou não o AAF; uma vez que ele opte pela realização, pode assumir uma posição indireta, que o distancia dos efeitos do AAF, ou uma posição direta, que pode ser realizada com ação reparadora ou sem ação reparadora. A partir do momento em que o falante opta por realizar um AAF abertamente com ação reparadora, decide se utiliza estratégias de polidez positiva ou negativa. As estratégias de polidez são divididas em estratégias de polidez positiva, negativa e de indiretividade, ilustradas no quadro 2.

⁴ Adotamos a terminologia já convencionalizada para as traduções de B&L em português, como Oliveira (2008).

Estratégias de polidez positiva	Estratégias de polidez negativa	Estratégias de polidez de indiretividade
Perceber o outro. Mostrar interesse pelos desejos e necessidades do outro; Exagerar interesses, aprovações e empatia pelo outro; Intensificar o interesse pelo outro; Usar marcadores de identidade grupal; Procurar acordo; Evitar desacordos; Pressupor e declarar pontos em comum; Brincar, fazer piadas; Expressar os conhecimentos sobre os desejos do outro; Oferecer, prometer; Ser otimista; Incluir os interlocutores na atividade; Dar ou pedir razões, ou explicações; Declarar ou explicitar reciprocidade; Dar presentes ao ouvinte (bens, simpatia, cooperação).	Ser convencionalmente indireto; Questionar, atenuar; Ser pessimista; Minimizar a imposição; Mostrar deferência; Pedir desculpas; Impessoalizar o falante e o ouvinte; Realizar o AAF como uma norma social, regra de regulamento ou obrigação; Nominalizar; Mostrar abertamente que está assumindo um débito com o interlocutor.	Dar dicas; Dar pistas de associação; Pressupor; Usar tautologias; Usar contradições; Ser irônico; Usar metáforas; Fazer perguntas retóricas; Ser ambíguo; Ser vago; Ser generalizador; Deslocar o ouvinte; Ser incompleto, utilizar elipse.

Quadro 2: Estratégias de polidez. Adaptado (BROWN; LEVINSON, (2011 [1987], p. 65-68, tradução nossa).

As estratégias de polidez positiva são direcionadas com o intuito de reparar a face positiva do destinatário ou expressar interesse pelo outro, que ao contrário da polidez negativa, nem sempre será reparadora de desejos de face negativa, violados por um AAF. As realizações linguísticas de polidez positiva, em muitos casos, podem representar desejos e conhecimentos compartilhados. As estratégias de polidez negativa são utilizadas em ações corretoras da face negativa do destinatário, e geralmente utilizadas como forma de distanciamento social. A polidez negativa tem a função específica de minimizar os efeitos de um AAF. E as estratégias de polidez de indiretividade são aquelas que permitem que o falante produza um AAF, sem se responsabilizar por ele, deixando a interpretação de sua fala a critério do ouvinte. Nesses casos, o falante diz menos do que o necessário ou até mesmo algo diferente do que ele quer dizer.

Segundo B&L, três fatores contextuais são importantes para entender como as pessoas escolhem as estratégias de polidez que vão utilizar, na medida em que o falante faz uma avaliação da quantidade de trabalho de face necessária nos atos a partir do poder que existe entre o falante e o destinatário, da distância social entre o falante e o destinatário, e do grau de imposição, como na fórmula do quadro 3.

$$W_x = D(S, H) + P(H, S) + R_x$$

W = quantidade de trabalho de face
x = AAF
D = distância social
S = falante
H = ouvinte
P = poder relativo
R = grau de imposição

Quadro 3: Fórmula para avaliar a quantidade de trabalho de face requerido para realizar um AAF. (BROWN; LEVINSON 2011 [1987], P. 76, tradução nossa).

A distância social (*D*) é um fator significativo no contexto de polidez, uma vez que a relação existente entre os interlocutores influenciará na escolha linguística e na qualidade da interação. Há uma tendência de o falante ser mais polido com quem tem menos familiaridade, com o intuito de passar a melhor imagem de si.

O poder relativo (*P*) está associado aos diferentes papéis sociais – locutor/interlocutor – que os falantes ocupam no momento da fala. Podemos inferir também que o poder no momento da interação linguística estabelece quem tem o domínio do turno naquele momento. Há uma tendência de as pessoas quererem apresentar o melhor de si quando estão em uma posição de destaque.

O grau de imposição (*R*) se relaciona ao custo que o ouvinte terá em realizar o ato solicitado. O valor desse custo está relacionado à cultura em que o falante está inserido e terá um maior peso quando ameaçar a face negativa do falante.

Como vimos, o valor de polidez emerge em contextos específicos, com fatores fortemente correlacionados: do ponto de vista pragmático, a distância social, as relações de poder/poder relativo e o custo da imposição são fatores fortemente envolvidos na avaliação das estratégias linguísticas mais ou menos polidas; do ponto de vista sociolinguístico, a relação entre sexo/gênero dos interlocutores mostra-se significativa (HOLMES, 1998; MILLS, 2003, entre outros).

No paradigma pronominal do português falado no Brasil há duas formas de referência à primeira pessoa do plural: as formas *nós* e *a gente*. Tal alternância de referência à primeira pessoa do plural, já estudada do ponto de vista sociolinguístico, pode ser ampliada de modo a

considerar o efeito do controle de variáveis pragmáticas, aos moldes da proposta de B&L, assim como o uso do futuro do pretérito como forma de polidez (ARAÚJO; FREITAG, 2015). O viés para considerar a variação entre *nós* e *a gente* como estratégia de polidez reside na possibilidade de a primeira pessoa do plural apresentar certa gradualidade de determinação/indeterminação do sujeito (LOPES, 1998; MENDONÇA, 2016; MENDONÇA; FREITAG, 2016).

Lopes (1998) critica a abordagem a gramática normativa por tratar a forma *nós* como mero plural de *eu*, pois, para a autora, não há a possibilidade de *nós* ser plural de *eu* já que não se trata de elementos de mesma natureza, não teremos a junção de *eu + eu*, e sim de elementos de naturezas distintas, como *eu + tu/você*, *eu + ele/ela*, *eu + vós/vocês*, *eu + eles/elas*, e *eu + todos*. Esses cinco graus de amplitude do *eu* partem do pressuposto as formas de referência à primeira pessoa do plural nem sempre terão o mesmo referente, podendo variar de acordo com o grau de determinação do sujeito, ou seja, vai de um *continuum* de referentes mais determinados para referentes menos determinados, tendo, esse *continuum*, pontos de favorecimento de uma ou outra forma.

Estudos de cunho sociolinguístico que focam a variação na primeira pessoa do plural e indeterminação do sujeito apontam para a predominância do uso da forma *a gente* quando o sujeito é mais genérico, o que sugere que a forma pode ser considerada como um recurso de polidez linguística, diferentemente da forma *nós*. O sentido genérico da forma *a gente* permite ao falante se descomprometer com o discurso que está sendo proferido. Assim, as formas pronominais de referência à primeira pessoa do plural podem se constituir em estratégias de polidez positiva, negativa ou de indiretividade. O controle dos fatores envolvidos num AAF em uma abordagem variacionista requer ajustes metodológicos, explicitados a seguir.

2. Procedimentos metodológicos

Para analisar a variação entre *nós/a gente* em contextos com valor de polidez, foi necessário investir em uma estratégia metodológica para a coleta de dados que proporcionasse condição de verificar a interferência dos três fatores que B&L sugerem como indispensáveis para compreender como as pessoas escolhem as estratégias de polidez que irão utilizá-las em suas interações.

A amostra *Rede Social de Informantes Universitários* (ARAÚJO; SANTOS; FREITAG, 2014) segue as diretrizes do banco de dados *Falares Sergipanos* (FREITAG, 2013; FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012) e foi delineada de modo a propiciar o controle do poder relativo, grau de imposição e a distância social.⁵ Como controle, utilizamos dados da amostra *Falantes Cultos de Itabaiana/SE*, também pertencente ao banco de dados *Falares Sergipanos*, que é constituída por entrevistas sociolinguísticas aos moldes labovianos.

⁵ Atendendo às diretrizes norteadoras de pesquisa envolvendo humanos, normatizada e regulamentada no Brasil pela Resolução 466/2012, o projeto do banco de dados *Falares Sergipanos* foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da Universidade Federal de Sergipe, o qual está vinculado ao Sistema Nacional de Informações sobre Ética em Pesquisa – SISNEP, recebendo certificado de atendimento às diretrizes éticas de pesquisa de 0386.0.107.000-11.

O uso das duas amostras distintas permite verificar se a diferença metodológica de coleta de dados dos dois bancos reflete na frequência de utilização das variantes em estudo.

As redes sociais vêm sendo utilizadas nos estudos variacionistas a fim de contribuir para a análise dos processos de variações e mudanças linguísticas. Entendidas como agrupamentos com base na frequência e qualidade da interação dos membros que as constituem, as redes podem ser definidas pelas pessoas que fazem parte dos grupos de convivência de determinado indivíduo (familiares, amigos, vizinhos, colegas de trabalho, dentre outros) e em quantos grupos cada um desses membros estão inseridos.

Essa relação de contato com os outros ainda pode ser vista como uma teia infinita de laços que se estendem através de toda a sociedade interligando os seus membros (MILROY, 2002), em níveis: primeira ordem, com contato direto e diário, e segunda ordem, com contato indireto e circunstancial.

Outro aspecto constitutivo das redes é sua densidade e multiplexidade. Quanto à densidade de uma rede, ela pode ser de alta densidade, quando todos os membros se conhecem, e de baixa densidade, quando não há o contato entre todos os membros do grupo. Em relação à multiplexidade, os membros podem possuir laço multiplex, ou seja, duas pessoas se relacionam em mais de um papel social, estão presentes em mais de um grupo, e laço uniplex, quando o laço entre duas pessoas é baseado em apenas um relacionamento.

As pessoas podem participar de grupos diferentes, e os laços fortes e fracos tendem a conectar os indivíduos em rede, ligados em graus diferentes, já que os membros de uma rede podem se conhecer e se relacionar a partir de diversos graus de intimidade.

Nesta perspectiva, a *Rede Social de Informantes Universitários* foi constituída a partir da necessidade de estudar fatores pragmáticos que influenciam no uso linguístico, e a fim de contribuir também para o estudo e análise da variação linguística dessa comunidade. Para a constituição da amostra da rede social pessoal foi necessário formar dois grupos de 4 pessoas, 2 homens e 2 mulheres. Cada grupo foi constituído por dois homens e duas mulheres que mantinham contato diário, ou seja, havia a existência de laços fortes entre os quatro do grupo, e que estes não tinham contato com nenhum dos integrantes do segundo grupo. Da mesma forma, os informantes do segundo grupo eram amigos entre si e desconhecidos de todos os integrantes do primeiro grupo. As relações/conexões formadas pelos 8 colaboradores são representadas na figura 1, respeitando os laços fortes e fracos (MILROY, 2002). Os representantes do sexo/gênero masculino estão representados pela cor azul, e os representantes do sexo/gênero feminino pela cor vermelha.⁶

⁶ Adotamos a terminologia sexo/gênero, conforme detalhamento em Freitag (2015).

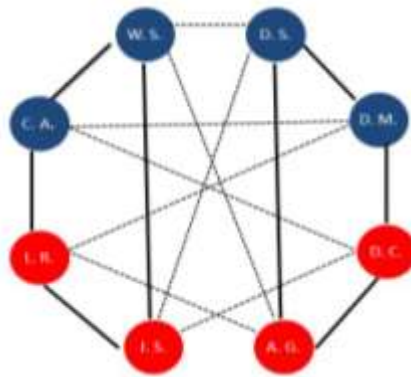


Figura 1: Representação da rede social.

Os informantes do primeiro grupo (D.S., D. M., D. C. e A. G.) estão conectados na rede por um laço forte, representado pela linha contínua, já que estes mantêm contato diário, enquanto que todos eles mantêm laços fracos, representados pelas linhas tracejadas, com os membros do segundo grupo (W. S., C. A., L. R. e J. S.). Da mesma forma, os membros do segundo grupo mantêm laços fortes entre si, e laços fracos com os componentes do primeiro grupo. A cada conexão de dois informantes, W. S. e C. A., por exemplo, tivemos duas interações, pois em um primeiro momento o informante W. S. conduziu o tópico na interação, expondo as situações e pedindo para que C. A. falasse sobre o assunto, e em um segundo momento quem conduziu o tópico C. A., totalizando assim 32 interações conduzidas.

A fim de minimizar os efeitos do paradoxo do observador e de verificar a relação de poder de fala dos universitários, nestas interações não houve entrevistador e nem roteiro de perguntas. Os próprios participantes da comunidade de prática introduziram os tópicos a partir de microsituações disponibilizadas em cartões, e as 32 interações de aproximadamente 40 minutos cada, foram gravadas, com estudantes da Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho, em Itabaiana/SE.

Já a amostra *Falante Cultos de Itabaiana/SE* é constituída por 20 entrevistas sociolinguísticas, 10 do sexo/gênero masculino e 10 do sexo/gênero feminino, com faixa etária dos entrevistados variando entre 21-32 anos, todos também estudantes da mesma instituição.

Após a constituição do *corpus*, os dados da primeira pessoa do plural na posição sintática de sujeito foram identificados, codificados e submetidos à análise do GoldVarbX (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

3. Nós e a gente na fala de Itabaiana

Identificamos 1915 ocorrências de formas referentes à 1ª pessoa do plural na posição sintática de sujeito, divididas quanto às variantes *nós* e *a gente*, tanto na forma explícita quanto na forma implícita. Para a forma *a gente*, foram identificadas 1588 ocorrências (83%), enquanto para a forma *nós*, 327 ocorrências (17%). Os dados são provenientes de duas

amostras, constituídas a partir de metodologias de coleta distintas (tabela 1), como explicitado na seção anterior.

	Aplic./total	Percentual	Peso Relativo
Entrevistas	727/884	82,2%	0,38
Interações	861/1031	83,5%	0,60

Tabela 1: Uso de *a gente* nos dois tipos de amostra.

Embora o percentual de aplicação de *a gente* seja muito próximo nas duas amostras, ao observarmos os pesos relativos constatamos que há diferença: as interações em rede, com peso relativo de 0,60, são mais favorecedoras da forma *a gente* se comparadas às entrevistas sociolinguísticas, com peso relativo de 0,38. Tal resultado sinaliza para a importância da metodologia na coleta de dados em uma análise sociolinguística, pois diferentes estratégias levam a diferentes resultados.

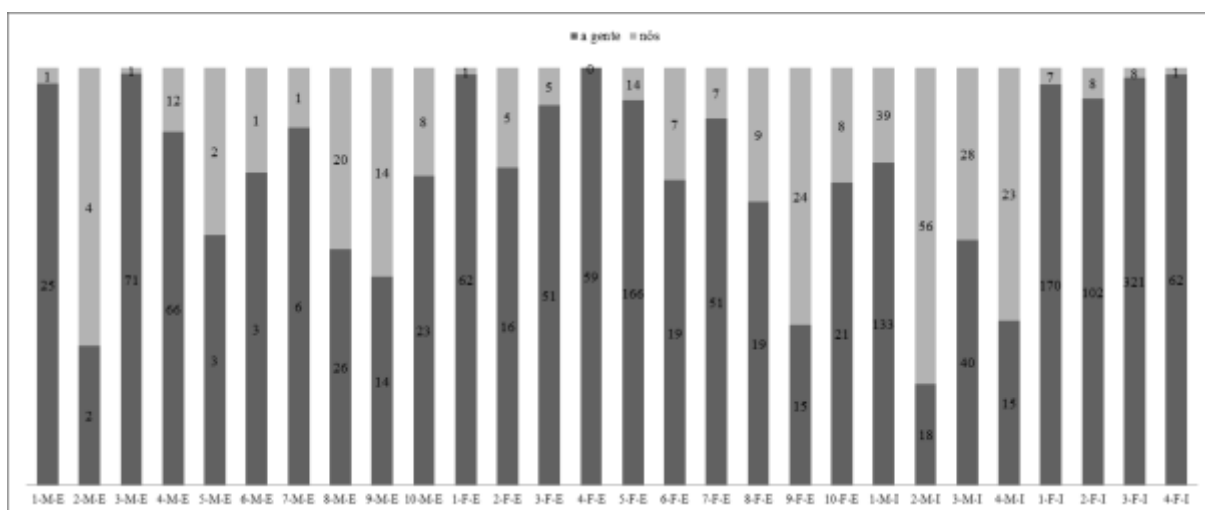


Gráfico 1: Distribuição de *nós* e *a gente*, por indivíduo, nas duas amostras.

A distribuição das realizações das formas *nós/a gente* por indivíduo – 20 informantes do banco de dados Falantes Cultos de Itabaiana, 10 do sexo/gênero masculino (1-M-E a 10-M-E) e 10 do sexo/gênero feminino (1-F-E a 10-F-E) e 8 informantes do banco de dados Rede Social de Informantes Universitários, 4 do sexo/gênero masculino (1-M-I a 4-M-I) e 4 do sexo feminino, (1-F-I a 4-F-I) – no gráfico 1, mostra que, à exceção da informante 4-F-E, com comportamento categórico para a forma *a gente*, os demais informantes usaram as duas variantes, com maior ou menor proporção.

Considerando que a forma *a gente* está perdendo seu caráter estritamente genérico, tornando-se mais específico em algumas situações, e com carga de valores pragmáticos, controlamos a referência a partir da escala dos cinco graus, quatro traçados por Lopes (1998)

acrescido de mais um, que exclui o *eu* e se configura como um indeterminador, cujos resultados estão na tabela 2.

	Aplic./total	Percentual
Eu+você	19/53	35,8%
Eu+vocês	172/211	81,5%
Eu+ele	140/193	72,5%
Eu+eles	608/685	88,8%
Eu+todos	639/742	86,1%
Eles	10/31	32,3%

Tabela 2: Uso de *a gente* e multirreferencialidade.

Quanto à referência *eu + você*, significando o locutor e o interlocutor, o percentual é baixo para o uso de *a gente*, 35,8%. Em relação aos outros dois graus do *continuum* que vai [-*específico*] ao [+*específico*], referentes ao *eu + vocês* e *eu + ele*, há maior recorrência da forma *a gente*, tendo percentuais de 81,5% e 72,5%, respectivamente. Na referência a *eu + eles*, encontramos a maior taxa de aplicação da variante *a gente*, com percentual de 88,8%. Quando a referência se torna mais genérica, abrangendo o *locutor + todos* os seres humanos, a forma *a gente* tem um percentual de 86,1%. Já o grau situado no extremo do *continuum*, em que o locutor não se inclui, desfavorece a aplicação da forma *a gente*, com 32,3%.

O tratamento geral para a variação entre as formas *nós* e *a gente* na expressão da primeira pessoa do plural aponta que: a) nas amostras, predomina a forma *a gente*; b) as diferentes estratégias de coleta de dados – interação e entrevista – influenciam na recorrência do fenômeno, com entrevistas, mais formais, favorecendo a forma *nós*, e interações, mais informais, favorecendo a forma *a gente*; c) a distribuição por indivíduos reforça a direção da mudança para a implementação da forma *a gente*, havendo, nas amostras, indivíduos com comportamento categórico; d) o controle da referência sugere que a forma *nós* tem assumido valores de indeterminação, ao mesmo tempo em que *a gente* assume referência mais determinada. Tais resultados gerais seguem a tendência apontada por outros estudos, em diferentes regiões do Brasil (ver os estudos de LOPES, 1998; ZILLES, 2005; SEARA, 2000; TAMANINE, 2002; BORGES, 2004; SILVA, 2010; FRANCESCHINI, 2011; entre outros), sugerindo um comportamento estável para a variação na primeira pessoa do plural no português brasileiro. A seguir, discutimos os aspectos relacionados ao controle da polidez.

4. O controle da polidez

Para o controle da polidez, consideramos os fatores apontados por B&L – distância social, poder relativo e o grau de imposição – e também o fator sexo/gênero, por entendermos que as interações entre homens e mulheres envolvem estratégias de aproximação e distanciamento, decorrentes dos valores estabelecidos na sociedade.

4.1. Sexo/gênero

Quanto à variação na primeira pessoa do plural, trabalhos como o de Borges (2004), Tamanini (2002), Franceshini (2011), entre outros, apontam que a forma *a gente* predomina na fala de mulheres, sugerindo que a variante não é estigmatizada.

	Aplic./total	Percentual	Peso Relativo
Masculino	445/656	67,8%	0,29
Feminino	1143/1259	90,8%	0,63

Tabela 3: Uso de *a gente* e o fator sexo/gênero.

Na análise geral, envolvendo as duas amostras, informantes do sexo/gênero feminino realizaram em maiores proporções a forma *a gente*, com 90,8% de frequência, com peso relativo de 0,63, face à restrição de uso dos informantes do sexo/gênero masculino, com peso relativo de 0,29. Tal resultado se alinha aos que foram obtidos pelos outros estudos.

Para analisar a interação entre sexo/gênero e polidez, partimos da premissa de Brown (1998) e Holmes (1998) de que as relações entre pares (H/H, M/M) são mais espontâneas e produtivas, já as interações entre pessoas de sexo/gênero opostos (H/M, M/H) são mais breves e formais. As relações entre pares deixam os interlocutores mais à vontade, enquanto as relações de sexo/gênero oposto tendem a ser mais controladas, o que poderia influenciar na ocorrência da forma *a gente* nos contextos simétricos: H/H e M/M.⁷

	Aplic./total	Percentual	Peso Relativo
H/H	120/223	53,8%	0,28
H/M	201/242	83,1%	0,39
M/H	468/566	82,7%	0,60
M/M	799/884	90,4%	0,53

Tabela 4: Uso de *a gente* e simetria/assimetria da relação entre informantes.

Relações H/H tiveram o menor percentual de uso da variante *a gente*, 53,8%, com peso relativo de 0,28; nas relações assimétricas de H/M, o peso relativo ainda se mantém baixo, 0,39. As relações M/H apontam para um sensível aumento do uso da forma *a gente*, com peso relativo de 0,60, e as relações M/M atinge o peso relativo de 0,53. Analisamos os resultados de cada amostra separadamente.

	Aplic./total	Percentual	Peso Relativo
--	---------------------	-------------------	----------------------

⁷ A análise detalhada dos efeitos da simetria/assimetria das interações pode ser conferida em Araujo e Santos (2015).

H/H	17/33	51,5%	0,15
H/M	21/29	72,4%	0,30
M/H	226/281	80,4%	0,56
M/M	463/541	85,6%	0,45

Tabela 5: Uso de *a gente* e relação de simetria/assimetria nas entrevistas.

Os resultados para o fator simetria na amostra constituída por entrevistas sociolinguísticas foram semelhantes aos resultados da análise geral, com diferença mais acentuada nas relações H/H, pois aqui o peso relativo foi de 0,15, enquanto nos resultados gerais para esse fator foi de 0,28, mostrando que, nas entrevistas sociolinguísticas, a forma *a gente* foi menos recorrente nas relações H/H.

	Aplic./total	Percentual	Peso Relativo
H/H	103/190	54,2%	0,35
H/M	180/213	84,5%	0,39
M/H	242/285	84,9%	0,47
M/M	336/343	98%	0,67

Tabela 6: Uso de *a gente* e simetria/assimetria da relação nas interações.

Na amostra constituída de interações, as relações entre M/M favorecem o uso da variante *a gente*, com peso relativo de 0,67, superando o peso 0,45 das entrevistas sociolinguísticas. As relações H/H apresentam percentual menor, mas se comparadas ao modelo de entrevistas sociolinguísticas, apresentam peso relativo menos desfavorável da aplicação, uma vez que, nesta amostra, o fator apresentou peso relativo de 0,35 e, nas entrevistas, 0,15.

Em ambas as amostras, as relações H/H foram as que menos favoreceram a recorrência da forma *a gente*, ao passo que as relações M/M foram as que mais favoreceram; ademais, as relações M/M foram mais produtivas no uso da primeira pessoa do plural do que as relações H/H, o que, de certa maneira, reflete tendências identificadas em outros estudos relacionados às estratégias de indeterminação do sujeito: enquanto homens preferem a forma *você*, mulheres preferem a forma *a gente*. (cf. MENDONÇA; NASCIMENTO, 2015; SANTANA, 2014; SOUZA; OLIVEIRA, 2014).

4.2. Distância social

A distância social é um dos três fatores que a teoria de B&L considera como influentes nas escolhas linguísticas de qualquer falante, independente da cultura, em termos de estratégias de polidez. Pessoas tendem a ser mais cautelosas e polidas com aqueles que não conhecem: laços fortes e fracos entre os interlocutores influenciam na escolha das estratégias linguísticas. Em interações entre estranhos, há uma maior preocupação em “como vou falar para o outro”, e geralmente, há uma maior atenção à face negativa. E essa atenção à fala

também pode ser percebida em contextos de aplicação da variante *a gente*, como segue nos exemplos (2) e (3).

(2) F1: [mas a questão é que ele assim...] ele em comparação ele atende todos vamos supor ele atende todas as terças-feiras... né no postinho da feira das panelas **como a gente conhece**... aí ele vai fazer cirurgia... amanhã ele marca uma cirurgia a pessoa faz... vai na maternidade e faz... já é cirurgia simples no mesmo dia no outro dia vai embora... o outro dia ou dez dias no máximo você tem que retornar (D.C._{cdt} D.M._{sdt} P F_M 13).

(3) F2: quem tem amizade e tudo... aqui em Itabaiana tem a questão do posto da feira das panelas **que o pessoal conhece** como da feira das panelas... eu já passei oito horas da noite e tem gente lá... esperando para marcar uma ficha no outro dia... (C.A._{cdt} D.C._{sdt} D M_F 20).

Os excertos (2) e (3) ilustram como o grau de proximidade influencia na variação de formas. Estes excertos pertencem à mesma informante, D.C, tratando sobre o mesmo tópico temático; no entanto, no excerto (2), a informante interage com um interlocutor próximo (menor distância social), com o qual ela mantém contato diário na faculdade, e no (3) com um interlocutor distante (maior distância social), que até então nunca haviam se comunicado. Ela fala sobre o mesmo assunto, problemas relacionados ao posto médico, mas com pessoas de graus de proximidade distintos.

No excerto (2), quando estava interagindo com uma pessoa com quem mantinha relações diárias, a informante utilizou a forma *a gente* ao mencionar como a feira popularmente era conhecida. No excerto (3), quando interagia com uma pessoa com laço fraco, a informante opta em não utilizar a estratégia de polidez positiva *pressupor e declarar pontos em comum*, chegando a não realizar a forma pronominal, talvez por não ter a certeza de que seu interlocutor conhecesse a feira em questão.

Considerando o grau de proximidade nas escolhas linguísticas entre os interlocutores, analisamos a sua influência no uso de *nós/a gente*.

	Aplic./total	Percentual	Peso Relativo
Próximos	507/658	77,1%	0,35
Distantes	1081/1257	86%	0,57

Tabela 7: Uso de *a gente* e distância social.

Contrariando as expectativas iniciais desta pesquisa, de que os contextos de relações de proximidade favoreceriam a forma *a gente*, os resultados apontaram que os contextos de proximidade não favoreceram a forma *a gente*, tendo peso relativo de 0,35, enquanto os contextos de relações distantes foram favoráveis a esta forma, com peso relativo de 0,57. A amostra geral aponta, então, para um maior favorecimento de *a gente* em relações distantes.

	Aplic./total	Percentual	Peso Relativo
--	---------------------	-------------------	----------------------

Próximos	112/151	74,2%	0,33
Distantes	615/733	83,9%	0,54

Tabela 8: Uso de *a gente* e distância social, nas entrevistas.

Os resultados na amostra constituída de entrevistas sociolinguísticas seguem a tendência delineada na amostra geral: a maior aplicação da forma *a gente* ainda se deu nas relações de distância social, 0,54.

	Aplic./total	Percentual	Peso Relativo
Próximo	395/507	77,9%	0,40
Distante	466/524	88,9%	0,60

Tabela 9: Uso de *a gente* e distância social, nas interações.

Já na amostra constituída por interações em rede, o uso de *a gente* nas relações de distância social foi ainda mais favorecido, com peso de 0,60. A fim de melhor elucidar os resultados, cruzamos o fator sexo/gênero com o fator distância social, dos dados das interações.

	Masculino		Feminino	
Próximo	93/194	48%	302/313	96%
Distante	113/158	72%	353/366	96%

Tabela 10: Uso de *a gente* e correlação entre sexo/gênero e distância social, nas interações.

Os informantes do sexo/gênero feminino não foram sensíveis ao fator distância social, já que não houve diferença no percentual de utilização da forma *a gente*, com 96%, tanto nas relações de proximidade quanto nas de distância. Já os informantes do sexo/gênero masculino foram sensíveis à escolha das formas pronominais nesse contexto de polidez que envolve o grau de proximidade, uma vez que a realização da forma *a gente* com pessoas próximas teve um percentual de 48%, enquanto em interações com pessoas distantes apresentou percentual de 72%.

Os resultados apontam que os contextos de maior polidez (maior distância), no que concerne à distância social, foram ambientes favoráveis ao uso da forma *a gente*, possivelmente em função do desejo de se aproximar do interlocutor que até então era desconhecido; e como a forma *a gente* apresenta caráter menos específico é utilizada como uma estratégia de polidez positiva, assumindo a posição de marcador de identidade grupal.

4.3. Relação de poder no tópico conversacional

Outro dos fatores pragmáticos que atua nos contextos comunicativos de polidez é a relação de poder que existe entre os interlocutores. Geralmente há uma preocupação de sermos mais polidos com pessoas que apresentam maior poder social que nós, ou ainda quando estamos pedindo algo. Dessa forma, na rede de relacionamentos e nas entrevistas, é importante verificar quais formas linguísticas os falantes realizam no momento em que possuem o domínio do tópico, pedindo que seu interlocutor fale sobre algo, já que neste momento eles tendem a ser mais polidos com o seu destinatário, se comparado com os momentos de baixo poder na entrevista ou na interação.

No caso das interações em rede, quando um informante ora desempenha o papel de locutor ora de interlocutor, defendemos a hipótese de que há maior diferença percentual de uso das formas nas diferentes funções locucionais, e que a forma *a gente* estaria mais relacionada às condições do modelo proposto para a interação em rede, já que o poder de introdução tópica não estaria com o interlocutor. Na tabela 11, seguem os resultados para esse cruzamento.

	Interlocutor		Locutor	
	Apl./total	Percentual	Apl./total	Percentual
DM	87/114	76%	46/58	79%
DS	11/49	22%	7/25	28%
WS	29/52	56%	11/16	69%
CA	10/24	42%	5/14	36%
AG	66/69	96%	104/108	96%
JS	63/67	94%	39/43	91%
DC	167/172	97%	154/157	98%
LR	45/45	100%	17/18	94%

Tabela 11: Uso de *a gente* e correlação entre locutor/interlocutor, nas interações.

Os resultados refutam nossa hipótese, porque as diferenças de percentuais dos falantes ora na posição de locutor ora na de interlocutor foram muito próximas. Apenas três informantes utilizaram com menor frequência a variante *a gente* na posição de locutor: CA e LR, ambos com diferença de 6%; e JS, com diferença de 3%. Mas, quanto às entrevistas, a relação de poder entre entrevistador e entrevistado corrobora nossas expectativas.

	Aplic./total	Percentual	Peso Relativo
Entrevistador	9/22	40,9%	0,13
Entrevistado	718/862	83,3%	0,51

Tabela 12: Uso de *a gente* e correlação entre entrevistado e entrevistador, nas entrevistas.

O peso relativo da forma *a gente* para os entrevistadores foi de 0,13, pouco significativo, enquanto para os entrevistados foi de 0,51, o que não favorece a aplicação, mas também não desfavorece. A preferência do entrevistador pela utilização da forma *nós* pode estar relacionada à posição de prestígio que ele ocupou no momento da entrevista.

4.4. Grau de imposição

O grau de imposição está relacionado ao peso social que cada pedido apresenta. Pedir dinheiro é uma imposição maior que perguntar a hora a alguém, pois, por ser uma imposição menor, pode ser feita a um estranho, já aquela, que é uma imposição maior, geralmente é feita a pessoas com afinidades. Correlacionamos o grau de imposição às estratégias de polidez. Segundo o modelo de polidez de B&L, todos os atos da linguagem que produzimos em uma interação são ameaçadores de faces, e para que nenhum dos dois interlocutores perca suas faces, há a utilização dos processos de atenuação dos atos de ameaça à face, AAF, que se constituem nas estratégias de polidez. Dessa forma, nesse modelo, todos os contextos de fala são encarados como contextos de polidez, podendo constituir estratégias positivas, negativas ou de indiretividade.

Dentre as estratégias de polidez apresentadas por B&L, *usar marcadores de identidade grupal, pressupor e declarar pontos em comum, incluir os interlocutores na atividade, e impessoalizar o falante e o ouvinte* são estratégias que envolvem a expressão da primeira pessoa do plural.

Usar marcadores de identidade grupal é uma estratégia de polidez positiva, na qual, para B&L, o falante implicitamente divide o mesmo espaço com o ouvinte. Uma possibilidade de uso dessa estratégia é através de formas de endereçamento, como os pronomes pessoais, que podem ser utilizados como forma de solidariedade (cf. BROWN; GILMAN, 2003[1960]), ou nomes genéricos como “companheiro”, “amigo”, “querido” etc.

Pressupor e declarar pontos em comum também é utilizado como estratégia de polidez positiva. A partir dela, o falante demonstra interesses compartilhados – preocupações, atitudes – com o ouvinte, podendo ainda falar como se fosse o ouvinte, já que o conhecimento a respeito de algo é igual tanto para o falante quanto para o ouvinte, ou ainda, se o falante demonstrar que sabe dos hábitos, gostos e outros atributos do ouvinte.

Incluir os interlocutores na atividade também faz parte das estratégias de polidez positiva, dado que o falante utiliza as formas *nós* para se referir a ele mesmo ou ao seu interlocutor. A forma *a gente* também se aplica a esta estratégia, desde que também desempenhe valor de pronome inclusivo.

Impessoalizar o falante e o ouvinte é uma estratégia de polidez negativa que também está correlacionada com nosso estudo, pois à proporção que um falante usa uma referência pronominal na primeira pessoa do plural, ao invés de utilizar um *eu* ou *você*, ele intenciona se descompromissar com aquilo que está dizendo (cf. MENDONÇA; NASCIMENTO, 2015; MENDONÇA, 2016), como no excerto (4).

(4) F1: [()]... e o problema da seca no nordeste? como você tem visto assim? se é algo preocupante acha que o maior problema é... a seca no nordeste é a falta de água ou a falta de política desenvolvida pelo governo?
 F2: na realidade... as duas coisas né? uma irreversível porque... é como diz... pra quem escolhe o que vai chover é o tempo né? e o homem ainda... o poder dele manipular o tempo é pouco... agora faltava assim... os os nossos governantes só olhar mais pra esse povo sofrido né? entre... se sabe que tá tendo num sei negócio ter uma distribuição assim melhor de renda... cestas básicas alimentação... e deixar de olhar demais esses país de fora... como... muitas vez *a gente* já viu dizer que... por exemplo Brasil doa não sei quantos milhões de toneladas de alimentos lá pra África lá pra não sei aonde... (C.A._{cdt} W.S._{sdt} P M_M 17).

No exemplo (4), percebemos que o F2 tentou impessoalizar sua fala com o uso do termo *a gente*, quando ele poderia ter assumido a responsabilidade do que estava sendo dito, usando o *eu* para dizer que ele já tinha ouvido sobre as doações que o Brasil faz para outros países. Vejamos na tabela 13 os resultados para a interferência dessas estratégias de polidez no uso da forma *a gente*.

	Interações		Entrevistas	
	Aplic./total	Percentual	Aplic./total	Percentual
Negativa	437/545	80,2%	491/615	79,8%
Positiva	405/463	87,5%	235/268	87,7%
Indiretividade	48/56	82,6%	1/1	100%

Tabela 13: Uso de *a gente* e estratégias de polidez.

Quanto às interações, o menor grau de aplicação da variante *a gente* se deu em contextos de polidez negativa, com 80,2%, seguido das estratégias de indiretividade, com 82,6%, e chegando à máxima porcentagem de aplicação, 87,5%, em contextos de polidez positiva.

Nas entrevistas, o uso da variante *a gente* se deu apenas uma vez em contextos de indiretividade. Em relação aos contextos negativos, houve um percentual de aplicação de 79,8% da forma *a gente*; sendo também a mais utilizada em contextos de polidez positiva, com 87,7%.

De forma geral, a forma *a gente* teve alto percentual de aplicação em todos os tipos de estratégias de polidez, independente da metodologia de coleta de dados empregada.

5. Nós e *a gente* e a polidez

Depois de analisar a comunidade de fala de Itabaiana, a partir de duas amostras coletadas segundo metodologias distintas, os resultados indicaram uma tendência significativa de aplicação da forma *a gente* como referência à primeira pessoa do plural, com 83% dos casos.

As diferenças de metodologia de coleta de dados influenciaram nos resultados de ordem pragmática. O ambiente da entrevista contribuiu para que os entrevistados fossem mais cautelosos com a forma de falar, enquanto os contextos de interações contribuíram para uma forma mais espontânea; podemos verificar essa influência no poder de aplicação da forma *a gente*, que nas entrevistas teve 0,38 de peso relativo, enquanto nas interações o peso foi 0,60.

Em relação ao sexo/gênero, no cômputo geral, tivemos possibilidades de aplicação da forma *a gente* de 0,29 para os informantes do sexo/gênero masculino e 0,63 para os do sexo/gênero feminino, e quando analisados apenas os resultados das interações sociais, a possibilidade de aplicação para as ocorrências produzidas pelos homens cai para 0,17, enquanto para as mulheres o peso relativo sobe para 0,69. Essa metodologia das interações também contribuiu para que o fator simetria tivesse maior relevância nos resultados, uma vez que a amostra constituída por interações propiciou pesos relativos maiores nas relações entre pares: em relações M/M a variante *a gente* teve peso relativo de 0,67, e em relações H/H houve possibilidade de aplicação da mesma variante de 0,35, não favorecendo a utilização da forma *a gente*.

A forma *a gente* foi favorecida em relações com distância social, 0,57, enquanto relações entre próximos obtiveram apenas 0,35. As entrevistas se mostraram pouco sensíveis ao controle das relações de poder no tópico conversacional, já que a forma *a gente* se manteve perto da neutralidade, com peso relativo de 0,51. E quanto às estratégias de polidez para as duas amostras, a forma *a gente* se mostrou favorável no uso de estratégias de polidez positiva, negativa e de indiretividade.

	Feminino		Masculino	
	Aplic./total	Percent.	Aplic./total	Percent.
Contexto mais polido	106/118	89,8	13/22	59,1
Contexto menos polido	172/208	82,7	28/74	37,8

Tabela 14: Contexto de polidez e o uso de *a gente* por sexo/gênero.

Enquanto para as mulheres o comportamento quanto ao uso de *a gente* é relativamente estável quanto à polidez, para os homens a maior ou menor polidez (locutor com domínio do tópico, com laços fracos de relacionamento e do sexo oposto ao do seu interlocutor) interfere no uso da forma, com 59,1%, de uso de *a gente* em contextos mais polidos e 37,8% em contextos menos polidos.

Considerações finais

Os resultados da análise da variação na primeira pessoa do plural na comunidade de fala de Itabaiana/SE, com dados coletados de acordo com duas estratégias metodológicas diferenciadas – entrevistas sociolinguísticas e interações –, indicam predomínio da forma *a gente* com 83% dos dados.

Os resultados apontam que é possível realizar um estudo sobre polidez a partir de uma amostra de entrevistas sociolinguísticas, embora esta estratégia de coleta não seja a mais apropriada para controlar os fatores de relações de simetria e distância social, motivo pelo qual validamos nossa coleta diferenciada, com interações, que replica o resultado geral obtido nas entrevistas sociolinguísticas, mas com matizes de polidez que só são possíveis de serem controlados se o desenho da coleta permitir, como foi o caso.

O controle dos fatores relacionados à polidez – distância social, poder relativo e o grau de imposição – e também do fator sexo/gênero permitiu identificar tendências de uso das formas *a gente* e *nós* que indicam especificidades pragmáticas, especialmente para os homens, que apresentaram resultados mais polarizados para as formas.

Assim, embora haja muitos estudos sobre a variação na primeira pessoa do plural no português, o tema não se esgota, na medida em que a ampliação do controle dos condicionadores para o nível pragmático abre possibilidades de enxergar o fenômeno sob outros vieses.

Politeness effects in the variation in first person plural

Abstract: In this paper, we analysis the variation between *nós* and *a gente* in subject position, in order to investigate the pragmatic effects related to politeness strategies, follow Brown and Levinson's model (2011[1987]). The data collection were designed to the constitution of two samples: one formed by sociolinguistic interviews and another formed by conduced interactions, both in Itabaiana/SE undergraduate community of speech. The data were submitted to quantitative analysis in variacionist approach. The control of pragmatics factors related to politeness and also gender factor allows to identify trends for the use of *nós* and *a gente* forms that indicate pragmatic specifics, mostly to men.

Keywords: nós/a gente; politeness; variation.

Referências

ARAUJO, A. S.; FREITAG, R. M. K. A forma de futuro do pretérito no português do Brasil e a função de polidez. **Forma y Funcion**, v. 28, p. 79-97, 2015.

ARAUJO, A. S.; SANTOS, K. C. Marcas linguísticas de polidez e sexo/gênero. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (eds.) **Mulheres, Linguagem e Poder**: Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira. São Paulo: Blucher, 2015, p. 196-209.

ARAUJO, A. S.; SANTOS, K. C.; FREITAG, R. M. K. Redes sociais, variação linguística e polidez: procedimentos de coleta de dados. In: In: FREITAG, R. M. K. (ed.) **Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística**. São Paulo: Blucher, 2014, p. 99-116.

BORGES, P. R. S. **A gramaticalização de a gente no português brasileiro: análise histórico-social-linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas**. Tese (doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná. Porto Alegre, 2004.

BROWN, P. How and why women are more polite: some evidences from a Mayan community. In: COATES, J. (ed.). **Language and gender: a reader**. Oxford: Blackwell, 1998, p. 81-99.

BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011[1987].

BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (eds.). **Sociolinguistics: The essential readings**. Oxford: Blackwell, 2003 [1960]. p. 156-176.

FRANCESCHINI, L. T. **Variação Pronominal nós/a gente e tu/você em Concórdia/SC**. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

FREITAG, R. M. K. (Re)discutindo sexo/gênero na Sociolinguística. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (eds.) **Mulheres, Linguagem e Poder: Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira**. São Paulo: Blucher, 2015, p. 17-63.

FREITAG, R. M. K. Banco de dados Falares Sergipanos. **Working Papers em Linguística**, v. 14, n. 2, p. 156-164, 2013.

FREITAG, R. M. K.; MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. **Alfa**, v. 56, n. 3, p. 917-944, 2012.

GOFFMAN, E. **Interaction Ritual: essays on face-to-face behavior**. New York: Doubleday, 1967.

GRICE, H. P. Logica e Conversação. In: DASCAL, M. (ed.). **Fundamentos metodológicos da linguística: problemas, críticas, perspectivas da linguística**. Tradução: Joao Wanderlei Geraldi. Sao Paulo: UNICAMP, 1982 [1975], p. 81-103.

HOLMES J. **Women, men and language**. London: Longman, 1995.

HOLMES, J. Complimenting: a positive politeness strategy. In: COATES, J. (ed.). **Language and gender: a reader**. Oxford: Blackwell, 1998, p. 100-120.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Contexto, 2008 [1972].

LAKOFF, R. **The Logic of Politeness**; or minding your P's and Q's. Papers from the Ninth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society, 1973, p. 292-305.

LEECH, G. **Principles of Pragmatics**. London: Longman, 1983.

LOPES, C. R. S. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. **Delta**, n. 14, v. 2, p. 405-422, 1998.

MENDONÇA J. J. **Variação na expressão da 1ª pessoa do plural**: indeterminação do sujeito e polidez. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, 2016.

MENDONÇA, J. J.; NASCIMENTO, J. S. Estratégias de indeterminação do sujeito: polidez e relações de gênero. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (eds.) **Mulheres, Linguagem e Poder**: Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira. São Paulo: Blucher, 2015, p. 211-223.

MENDONÇA, J. J.; FREITAG, R. M. K. Primeira pessoa do plural com referência genérica e a polidez linguística. **Revista Soletras**, n. 31, p. 39-57, 2016.

MEYERHOFF, M. **Introducing sociolinguistics**. Taylor & Francis e-Library, 2006.

MILROY, L. Social Networks. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLINGESTES, N. Eds. **The handbook of language variation and change**. Oxford Blackwell Publishing, 2002.

OLIVEIRA, M. C. L. Polidez e interação. In: CALDAS-COULTHARD, C. R.; SCLIAR-CABRAL, L. **Desvendando discursos**. Conceitos básicos. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008, p. 197-224.

SANKOFF, D.; TAGILIAMONTE, S.; SMITH, E. **Goldvarb x: variable rule application for Macintosh and Windows**. Toronto: University of Toronto, 2005.

SANTANA, N. M. O. Indeterminação do sujeito no português rural do Semiárido baiano. In: ALMEIDA, N. L. F.; CARNEIRO, Z. O. N. (eds.) **Variação linguística no semiárido baiano**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014. p. 45-70.

SANTOS, K. C. **Estratégias de polidez e a variação de nós vs. a gente na fala de discentes da Universidade Federal de Sergipe**. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, 2014.

SEARA, I. C. **A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana**. Estudos da língua falada, v. 14, n. 28-29. 2000.

SILVA, Caio Cesar Castro da. **A variação nós e a gente no português culto carioca**. Revista do GELNE, Piauí, V. 12, n. 1, 2010.

SOUZA, S. S.; OLIVEIRA, J. M. A variação no uso das estratégias de indeterminação do sujeito no português popular da Matinha-BA. In ALMEIDA, N. L. F.; CARNEIRO, Z. O. N. **Variação linguística no semiárido baiano**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014. p. 71-100.

TAMANINE, A. M. B. **A alternância nós/a gente no interior de Santa Catarina**. Tese (Mestrado em Letras). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Federal do Paraná, 2002.

WATTS R. J. **Politeness: key topics in sociolinguistics**. Oxford: Cambridge, 2003.

ZILLES, A. M. S. The Development of a New Pronoun: the Linguistic and Social Embedding of a gente in Brazilian Portuguese. **Language Variation and Change**, n.17, v.1, p.19-53, 2005.

Data de envio: 06/08/2015
Data de aceite: 31/05/2016
Data da publicação: 23/12/2016